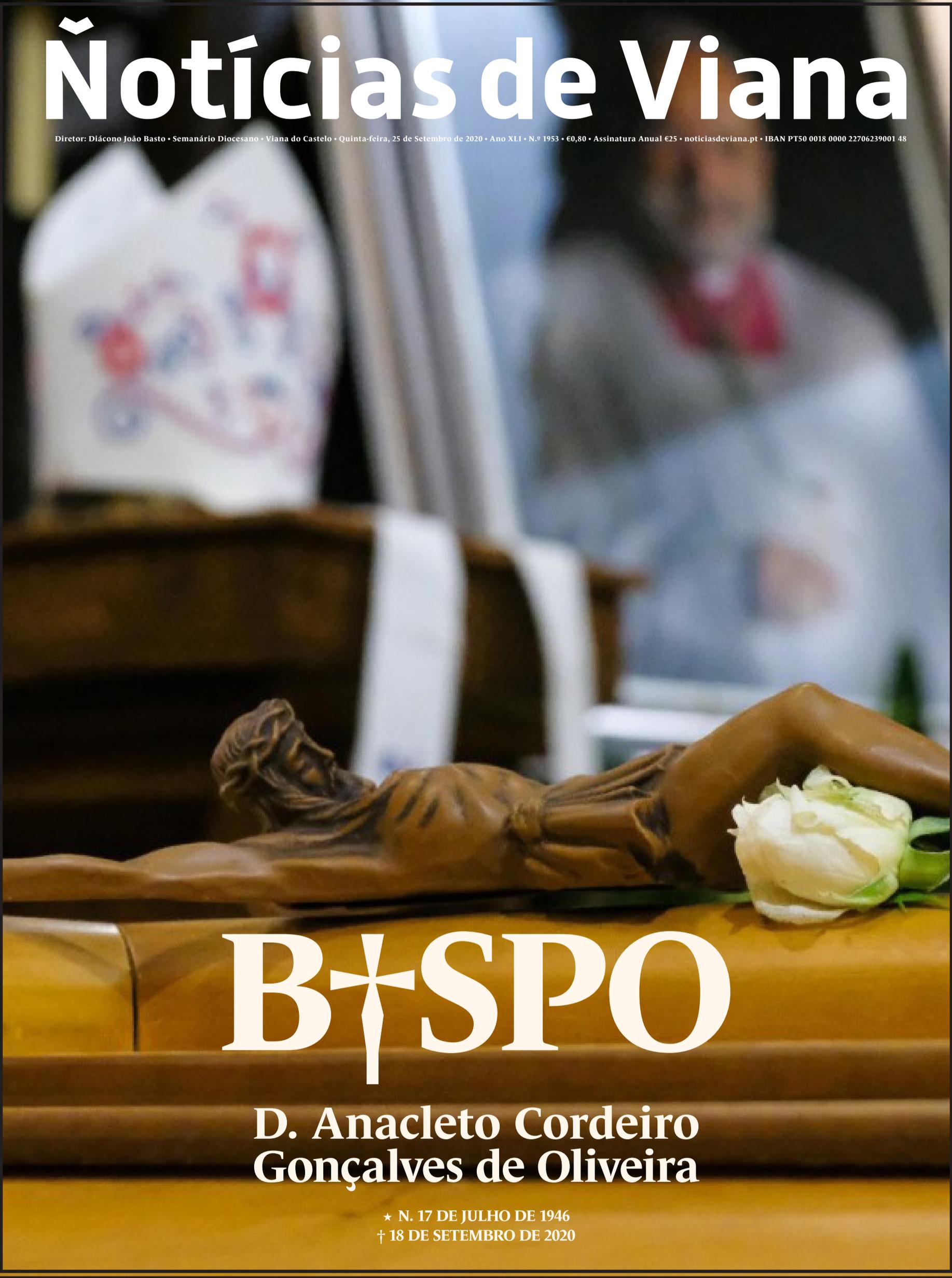


Notícias de Viana

Diretor: Diácono João Basto • Semanário Diocesano • Viana do Castelo • Quinta-feira, 25 de Setembro de 2020 • Ano XLI • N.º 1953 • €0,80 • Assinatura Anual €25 • noticiasdeviana.pt • IBAN PT50 0018 0000 22706239001 48

Diretor: Diácono João Basto • Semanário Diocesano • Viana do Castelo • Sexta-feira, 25 de Setembro de 2020 • Ano XLI • N.º 1953 • €0,80 • Assinatura Anual €25 • noticiasdeviana.pt • IBAN PT50 0018 0000 22706239001 48



B†SPO

**D. Anacleto Cordeiro
Gonçalves de Oliveira**

★ N. 17 DE JULHO DE 1946
† 18 DE SETEMBRO DE 2020

© Arménio Belo

Editorial

Queridas leitoras
e leitores,

Quando, há pouco mais de um mês, saiu o nº. 1950 do Notícias de Viana, numa edição especial por ocasião do 50º aniversário da Ordenação Presbiteral de D. Anacleto, coincidente com o 10º aniversário da sua Entrada Solene na nossa Diocese de Viana do Castelo, estávamos longe de imaginar que, passado um tão curto espaço de tempo – precisamente duas edições – o nº. 1953 seria um renovado gesto de ação de graças pelo seu ministério, interrompido abruptamente.

É evidente, por isso, a já muito sublinhada surpresa que, na tarde de Sexta-Feira, nos apanhou a todos, sem exceção, em contragolpe, visto que, entre muitas outras razões, este sábado, dia 26 de Setembro, estava programado o início de um novo Ano Pastoral, ritmado pela apresentação da Carta Pastoral e do Calendário Diocesano. Para além do mais, não havia nada preparado, ou, tão pouco, algo “na gaveta”.

Neste cenário, existia, não só a necessidade de comunicar o mais prudentemente possível cada vicissitude, como, também, o imperativo de organizar uma edição que pudesse ser o reflexo e a memória do sentimento da nossa família diocesana. É, neste contexto, que nascem os testemunhos e depoimentos lançados nas redes digitais e, agora, publicados, em modo de antologia selecionada, na edição impressa.

Na verdade, nas poucas conversas que o tempo permitiu que, sobre o jornal, com ele tivéssemos, ficaram, desde logo, claras duas prioridades. Em primeiro lugar, a de manter uma edição impressa regular que, acima de tudo, pudesse chegar aqueles e aquelas que não têm acesso aos mais recentes meios de comunicação social. E, em segundo lugar, a de conservar a própria existência do jornal, como voz e testemunho da Igreja Diocesana, onde se enquadra o contributo penitencial que, em 2019, D. Anacleto destinou, em parte, ao Notícias de Viana.

No entanto, creio que não erro, ao afirmar que, na linha da sua constante preocupação com o comprometimento laical dentro da ação eclesial, o seu principal objetivo para o futuro do Notícias de Viana seria a possível responsabilização direta dos leigos, a breve trecho.

Com efeito, do mesmo modo a partir do qual, nos últimos dias, fomos entregando o nosso Bispo ao coração do Pai, também seja este tempo uma oportunidade para colocar estes desafios perante o olhar de Deus. ¶



Biografia

D. Anacleto Cordeiro Gonçalves de Oliveira

D. Anacleto Oliveira nasceu a 17 de julho de 1946, na freguesia de Cortes, Diocese de Leiria-Fátima. Frequentou o Seminário Diocesano de Leiria entre 1957 e 1969, tendo sido ordenado presbítero a 15 de agosto de 1970. De seguida, partiu para Roma onde fez a licenciatura em Teologia Dogmática na Universidade Gregoriana (1971), obtendo ainda, na mesma cidade, a licenciatura em Ciências Bíblicas no Instituto Bíblico de Roma (1974).

De 1974 a 1977 foi professor de Exegese Bíblica no Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra, tendo, igualmente, neste último ano, obtido a licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Mais tarde, parte para a Alemanha para fazer o doutoramento em Exegese Bíblica na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de *Westfälischen Wilhelms-Universität de Münster* (1987) que concretizou com a tese *O Diaconado, a justiça e o perdão na segunda carta aos coríntios. Análise e interpretação de 2Cor 2,14-4,6; 5,11-6,10, 1990, Münster, Alemanha*. Enquanto permanece em terras germânicas foi Capelão de Emigrantes Portugueses na Diocese de Münster.

De regresso a Portugal, a partir de 1988, retoma a lecionação de Exegese

Bíblica no Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra e, ao mesmo tempo, no Seminário Diocesano de Leiria, na Escola de Formação Teológica de Leigos de Leiria e na Faculdade de Teologia (Lisboa) da Universidade Católica Portuguesa. Assumiu, em 2001, a Presidência da Comissão Diretiva do Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra.

No domínio de outros serviços eclesiais, D. Anacleto de Oliveira foi Secretário da Comissão Científica dos Congressos Internacionais de Fátima (1997, 2001 e 2003), Membro do Conselho de Administração e de Gestão e Finanças do Santuário de Fátima, Assistente Diocesano do Movimento de Educadores Católicos e Membro do Conselho Presbiteral e do Colégio de Consultores da Diocese de Leiria-Fátima; foi nomeado Bispo

Titular de ‘*Aquae Flaviae*’ e Auxiliar do Patriarcado de Lisboa a 4 de Fevereiro de 2005; foi colaborador na Revista *Theologische Revue*, da Faculdade de Teologia da Universidade de Münster, liderou a equipa que preparou os Catecismos Nacionais – 3º e 4º Ano da Catequese Infantil; integrou a equipa que traduziu a Nova Bíblia dos Capuchinhos (1998); e foi o responsável pelo itinerário catequético, proposto pela CEP para o Ano Paulino.

Atualmente, era presidente da Comissão Episcopal para a Liturgia e coordenador da Nova Tradução da Bíblia da Conferência Episcopal Portuguesa.

No passado dia 15 de agosto, comemorou, em conjunto com a Diocese de Viana do Castelo, os 50 anos da sua ordenação sacerdotal. ¶

O último adeus a D. Anacleto Oliveira, “o escravo de todos”

A Igreja Portuguesa e, em particular, a Diocese de Viana do Castelo perdeu “o pastor e pai” de forma “trágica e inesperada”. D. Anacleto Oliveira foi recordado à luz da vida de S. Bartolomeu dos Mártires Natural da freguesia de Cortes, em Leiria-Fátima.

D. Anacleto perdeu a vida na sequência de um despiste do automóvel perto de Almodôvar, no distrito de Beja. Fonte do Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Beja explicou que o alerta para o acidente foi dado às 11h29 e uma fonte da GNR adiantou que o óbito foi declarado no local, tendo o corpo sido encaminhado para o serviço de Medicina Legal do hospital de Beja, e que o homem era o único ocupante do veículo ligeiro de passageiros. No local, estiveram bombeiros e veículos das corporações de Almodôvar e São Bartolomeu de Messines, uma viatura médica de emergência e reanimação (VMER) de Albufeira e elementos da Brisa, além da GNR, num total de 16 elementos, apoiados por seis viaturas.

“A vida está nas mãos do Senhor”

Com a notícia a espalhar-se pelo país, a Diocese de Viana do Castelo foi convidada a fazer uma “oração reforçada”, apelando “a toda a família diocesana”, para que “todas as manifestações de carinho decorram com a maior serenidade e responsabilidade”.

Com a notícia a espalhar-se, a Diocese de Viana do Castelo foi convidada a fazer uma “oração reforçada”, apelando “a toda a família diocesana”, para que “todas as manifestações de carinho decorram com a maior serenidade e responsabilidade”. No comunicado que certificava a morte de D. Anacleto, procurou-se, por isso, reforçar que, “a vida está nas mãos do Senhor”, retomando a frase de S. Paulo onde é explícito que, “quer vivamos, quer morramos pertencemos ao Senhor”.

Ainda neste espírito, por recomendação do Administrador Diocesano, recentemente leitor, Mons. Sebastião Pires Ferreira, os sinos das igrejas do Alto Minho sinalizaram, em conjunto, pelas 15:00 de dia 19 o

falecimento de D. Anacleto Oliveira.

“Ele foi um verdadeiro pai com rosto e capacidade de amar”

Já no dia 21, de madrugada, os restos mortais do bispo diocesano chegaram à Sé e muitos foram aqueles que se uniram em oração, cantando e rezando. Os primeiros a chegar foram os jovens.

Ana Lopes, de 24 anos, pertence ao Grupo 70x7 da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, e afirmou que a presença dos grupos de jovens da Diocese fazia “todo o sentido”. “D. Anacleto sempre nos acompanhou e crismou-nos, praticamente, a todos. Era um apoiante e, por isso, viemos acompanhá-lo, neste momento mais difícil, assim como fazíamos nas festas em honra de Nossa Senhora d’ Agonia e outras comemorações”, disse. “Neste momento, quisemos prestar homenagem ao bispo que sempre acompanhou e apoiou os jovens. Temos um grande carinho por ele e, por isso, achamos importante aguardar a sua chegada”, acrescentou Sofia, da Juventude Alegria de Maria.

Numa intervenção na cerimónia, o Monsenhor Sebastião Ferreira admitiu que se questionou sobre a morte de D. Anacleto, recordando-o como “Homem de Misericórdia”. “Pareceu-me que o chão não mostra segurança”, começou por dizer, acrescentando: “Ele amou e, tantas vezes, falou explicando a epistemologia da palavra ‘Misericórdia’ para assumirmos e nos tornarmos misericordiosos. D. Anacleto falou de Misericórdia, ensinou a Misericórdia e testemunhou a Misericórdia. Ele foi um verdadeiro pai com rosto e capacidade de amar.”

Monsenhor Sebastião Ferreira avançou ainda que, na última carta pastoral escrita pelo bispo, D. Anacleto disse que “o amor de mãe é aquele que mais se aproxima de Deus”. “Quem semeou, no meio de nós, esta doutrina está, neste momento, a gozar dessa mesma Misericórdia, por isso, não se perturbem”, terminou.

“É uma perda muito grande”

No dia 22, a Sé recebeu visitas de fiéis a partir das 8h00 e, às 09h30, encheu-se para a oração de Laudes, cumprindo com as normas das autoridades de saúde. Emocionada, Conceição Ponte, presidente do Movimento dos Cursilhos de Cristandade (MCC) da Diocese, contou ao Notícias de Viana que ficou “em choque” com a morte “inesperada” de D. Anacleto. “O bispo era uma pessoa simples, humilde e inteligente. Era ainda uma pessoa sempre pronta a ajudar e falo também em relação ao movimento. Incentivava-nos”, contou, salientando: “Era uma mais valia, não só para o nosso movimento, mas para toda a Diocese de Viana do Castelo”.

A responsável do movimento frisou ainda que D. Anacleto era uma pessoa “muito presente, na vida dos mais pobres, simples e humildes. “Ele não fazia distinção de ninguém. É uma perda muito grande, mas temos que aceitar e que Deus o tenha no seu eterno descanso porque ele merece”, acrescentou.

À saída da Sé, a Irmã Isabel Lemos, da Congregação das Missionárias do Santíssimo Sacramento e Maria Imaculada (Missami), recordou que ficou “sem palavras” com a notícia do falecimento do “pastor e pai”. “Era uma pessoa muito acolhedora. Foi aquele que nos recebeu na Diocese e, por isso, vamos continuar a concretizar o seu sonho no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, que fosse o pulmão da diocese de Viana do Castelo”, garantiu. Também emocionada, Maria Jesus descreveu D. Anacleto como uma pessoa “bondosa e sorridente”. “Sempre me acolheu com um sorriso e de braços abertos, e tinha sempre uma palavra de ânimo e de conforto”, declarou.

Na celebração “Oração de Laudes”, Monsenhor Sebastião Ferreira afirmou ser um momento de “louvor ao Senhor pelas obras e vida longa que D. Anacleto cedeu a todos”. “Ele deixou-nos uma obra boa e perfeita e, parte dela e da sua vida, foi um proveito de cada um de nós”, disse, realçando a presença

dos fiéis. “D. Anacleto foi quem soube falar e partilhar de Jesus Cristo. Neste momento de desastre, choramos, mas ele está a gozar da Ressurreição que foi lhe permitida e, na qual, ele participou”, terminou.

“D. Anacleto quis ser missão numa proximidade muito concreta com todos”

Pelas 15h00, a Sé acolheu as cerimónias exequiais, presididas pelo arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, que contou com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, o ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, o Núncio Apostólico, Ivo Scapolo, o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Jorge Ornelas, os presidentes de câmaras municipais, os representantes de várias entidades, as autoridades locais, bispos, sacerdotes e alguns familiares.

A celebração iniciou-se com uma mensagem do Papa Francisco. “D. Anacleto Oliveira era um generoso pastor que foi autêntica testemunha do celeste do Evangelho do Reino do seu povo”, podia ler-se na carta lida pelo Núncio Apostólico.

Na homilia, D. Jorge Ortiga referiu que D. Anacleto “teve uma vida plena de sonhos e projectos, de emoções e alegrias” e que “deu-se totalmente, deu tudo de si até ao fim pelo bem do Reino de Deus”, salientando que uma das suas “maiores alegrias” terá sido a canonização de S. Bartolomeu dos Mártires. “Falou dele imensas vezes, recordou o seu estilo de ser pastor e tentou pautar a sua vida pastoral pelos mesmos ideais.

“Depois de interiorizar a notícia da sua morte, procuro viver este momento como D. Anacleto gostaria que todos vivessem, com interioridade e a máxima e possível serenidade, que é uma das suas marcas nos momentos mais trágicos da vida humana. Para a Igreja e, em particular, para a Diocese de Viana do

Castelo é uma perda grande num momento em que nos preparamos para iniciar o ano pastoral cheio de projetos e grandes realizações e que, possivelmente, não irão ser interrompidos, mas serão vividos de uma maneira diferente com sentido de ausência e orfandade e, por isso, será também um momento mais triste. Na memória fica a sua maneira de ser e, em particular, a sua capacidade de ver o bem em todos os momentos. Tudo aquilo que dizia era fruto da sua vivência. Perdemos o pastor que nos entusiasmava e incentivava a dar o melhor de nós. —

Pe. José Gomes, ecónomo diocesano e reitor do Seminário Diocesano

De entre os muitos valores que D. Anacleto absorveu da vida do santo, recorde o célebre episódio do pequeno pastor. Parece-me que poderá sintetizar muito bem o que foi a sua vida”, considerou o arcebispo, acrescentando que o bispo diocesano, “na sua pregação, se comprazia em apresentar Deus como Pai”. “Os seus conhecimentos bíblicos encontravam nuances que nos permitiam vislumbrar o autêntico rosto de Deus, em contraponto com tantas outras imagens deturpadas e veiculadas pela História. (...) Não é casual que D. Anacleto tenha escolhido “Escravo de todos” para seu lema episcopal. Na esteira do grande apóstolo Paulo, que dizia “embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número” (1Cor 9,19), também D. Anacleto despojou-se de tudo, dos seus projectos e sonhos, para ser tudo para todos. Quis ser missão numa proximidade muito concreta com todos”, enalteceu.

D. Jorge Ortiga traduziu ainda “servo” por “escravo”, interpretando o lema como “um testamento”. “A dureza da sua morte, inesperada e dolorosa, obriga-nos agora a retomar a missão onde ele a deixou. Deu-se por completo, mas há ainda muito por fazer na Igreja e no mundo. Os tempos difíceis que vivemos intensificam esta convicção. A pandemia veio trazer ao terreno da vida duas palavras que explicitam esta vocação de serviço apaixonado e desinteressado: solidariedade e solicitude”, disse, terminando: “Sejamos um prolongamento da vida de D. Anacleto, trazendo para a nossa vida e das nossas comunidades estes apelos que a Palavra de Deus nos lança. Que o Senhor acolha na Sua morada o nosso querido irmão D. Anacleto Oliveira e que a Palavra de Deus nos abra o entendimento e o coração ao tempo pascal da ressurreição.”

No final, o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Ornelas, lembrou ainda “a paixão” de D. Anacleto “em servir a Igreja do Senhor, disponibilizando e mobilizando todos para procurar caminhos novos”. “A Diocese de Viana do Castelo é um igreja que sente a partida do seu pastor, mas que vive também com a confiança de que ele semeou no coração de todos. Agora, vamos nós continuar o caminho dele que exige busca pela palavra renovada e inquietada, procurando caminhos novos”, salientou, enaltecendo que D. Anacleto era “um irmão querido”.

Já o Monsenhor Sebastião Ferreira agradeceu a presença de todos e contou que, “quando a notícia se espalhou, surgiram perguntas em busca de certezas, inquietações e condolências de solidariedade”. “Procurei o silêncio na

cela de S. Bartolomeu dos Mártires e recordei os 10 anos partilhados com ele como seu Vigário Geral. A preocupação de D. Anacleto era conhecer a geografia física do território da sua Diocese e, sobretudo, a geografia humana. Inspirado na ação de S. Bartolomeu, iniciou a marcação das visitas pastorais e, nas celebrações do crisma, decorava o nome dos jovens e adultos. A sua Evangelização era efetuada de pessoa a pessoa através dos grupos, cursos bíblicos, conferências e, principalmente, das cartas pastorais”, frisou, referindo que era “um pastor maneira do Papa Francisco, a cheirar as ovelhas e tornar-se a forma do seu Deus.”

Marcelo Rebelo de Sousa não prestou declarações, mas, numa nota divulgada no portal da Presidência da República, o chefe de Estado lamentou a morte “repentina e trágica” de D. Anacleto Oliveira. “A sua morte repentina e trágica, numa altura da vida em que tanto haveria a esperar do seu exemplo de pastor e de homem de bem, é motivo de consternação para os portugueses, crentes e não crentes”, afirmou, lembrando ainda “os 50 anos de sacerdócio e 10 anos de presença na Diocese do Alto Minho” e que a sua nomeação como bispo de Viana do Castelo, em 2010, “foi o culminar de uma trajetória espiritual e pastoral de muitas décadas, feita ao serviço da Igreja Católica e dos seus fiéis”. “Apresento à família enlutada e a Igreja Católica as minhas mais sentidas condolências”, terminou.

“D. Anacleto está na Ressurreição de Cristo”

À noite a Sé acolheu ainda a Oração de Completas que contou com a presença de fiéis.

Monsenhor Sebastião Ferreira lembrou “a fé forte”, apelando para “não adormecer, desleixar e cair nas tentações”. “A vitória de D. Anacleto está na Ressurreição de Cristo que acredito que se deu após terminada a sua história”, afirmou.

“A Igreja de Portugal fica com uma dívida de gratidão”

Pelas 10h00 do dia 23, os restos mortais de D. Anacleto chegaram à Sé de Leiria e, às 15h00, decorreu a celebração exequial. O seu antigo pároco, Augusto Gonçalves, e o amigo Pe. Luís João marcaram presença no último adeus.

A três semanas antes do acidente, Pe. Augusto Gonçalves passou cinco dias com D. Anacleto no Alto Minho e recordou um episódio que “o sintetiza como apóstolo no terreno e pastor próximo, dialogante, compreensivo e amigo”. “Numa aldeia no alto de uma Serra, passamos por um grupo de pessoas idosas a conversar. D. Anacleto disse que paramos ali, sentou-se numa pedra e perguntou se sabiam quem era. Ela rapidamente disseram que sim e que eram amigos deles. Fiquei feliz por ver um bispo sentado numa pedra ao lado deles”, recordou emocionado, frisando que foi “um gesto muito bonito e interessante”. “Teria mais coisas para dizer, mas realço a sua serenidade de quem está próximo e escuta, mesmo aqueles casos mais intrincados e complexos”, especificou.

O Pe. Luís João acompanhou D. Anacleto durante “longos anos” e foi ordenado padre um ano depois dele. Também emocionado, frisou a sua proximidade com o bispo “que cheirava as suas ovelhas de uma maneira tão simples”. “Recebi um telefonema de um



© Direitos Reservados



Anacleto passava muito tempo no seu escritório a ler, a escrever e a refletir, e era isso que fazia dele um homem que, muitas vezes, estava mais à frente. Ele descobriu coisas maravilhosas, em Viana do Castelo. Tinha um espírito jovem e de proximidade com todas as paróquias. Além disso, descobriu um tesouro, S. Bartolomeu dos Mártires. Deixou-se apaixonar pela figura ideal do bispo e, neste momento, ele está no céu, certamente, a contar uma das suas anedotas e pondo toda a gente a rir. Ficamos órfãos e, por isso é um tempo para rezar, interiorizar e mastigar à espera de outro caminho e de outro pastor.

Pe. Vasco Gonçalves, pároco de Monserrate e chefe de gabinete

“D. Anacleto foi um grande, reconhecido e apreciado biblista entre nós e um apaixonado pela palavra de Deus. Fez um trabalho incansável na elaboração de documentos nos vários campos apostolados a que dedicou”, enalteceu. O bispo de Leiria-Fátima afirmou ainda que foi “uma figura de um bispo, pai e pastor como pede o Papa Francisco e a exemplo e ao jeito de S. Bartolomeu dos Mártires”. “D. Anacleto cultivava, muito naturalmente, a pastoral da proximidade e do encontro, do trato simples e próximo, e tinha uma relação afetuosa. Era capaz de partilhar as alegrias e as dores do seu povo”, afirmou, descrevendo-o como “bom amigo e companheiro, bem disposto e disponível, sereno e sábio”. “Ressuscitava uma atração da gente para com ele e, por isso, temos uma imagem de um bispo em saída, por sua vez a imagem de uma Igreja em saída ao encontro de todos, particularmente, dos mais frágeis e sós”, considerou. Para o cardeal António Marto, D. Anacleto tinha “o dom de anunciar o Evangelho com unção, de modo a falar ao coração”. “Era um homem de fé que exalava o perfume do pastor e do amor de Cristo ao seu povo”, declarou, terminando: “Esperamos confiadamente que D. Anacleto goze desta bem-aventurança e alegria eterna. Que a sua partida não nos leve a esquecer a riqueza do dom que foi a sua presença, trabalho e testemunho entre nós. A Igreja de Portugal fica com uma dívida de gratidão a este seu bispo, que esperamos honrar a sua memória, continuando o legado que nos deixou.”

Depois da celebração, o bispo diocesano foi sepultado no cemitério da paróquia da sua terra natal (Cortes).¶

Por Micaela Barbosa

familiar a dar-me a notícia. Foi uma surpresa e comecei a recordar todos os momentos que partilhamos. No final do mês de julho, acolheu-me em sua casa durante oito dias. Foi extraordinário”, recordou, acrescentando que, em estudantes, combinavam férias em conjunto. “Era um rapaz muito alegre e, ao mesmo tempo, com uma interioridade muito grande. Era espontâneo, claro, transparente e profundo a tudo a que se dedicava, transparecendo muito amor pela sua Diocese. Levou-me a vários locais e apresentava-me como qualquer coisa que amava e, quando encontrava pessoas, fosse quem fosse, cumprimentava-as”, contou, terminando: “Acreditamos que ele chegou primeiro do que nós ao céu e é já uma presença nossa junto do Pai.”

A celebração exequial foi presidida pelo cardeal e bispo de Leiria-Fátima, António Marto, que apontou D. Anacleto Oliveira como “imagem de um bispo em saída”.

“O sentimento que se vive na Diocese é de perda e de vazio cheio de luz e esperança. A Igreja Portuguesa perdeu um homem de Deus, em termos bíblicos, litúrgicos e na catequese. D.



Uma Diocese que se despede do seu b[†]spo

A oração é também memória e testemunho. Nesta hora em que o coração da Igreja está com o Senhor, a Diocese de Viana do Castelo partilha alguns testemunhos de diocesanos que, ao longo dos tempos, se cruzaram com D. Anacleto Oliveira.

AF, colaborador Notícias de Viana

“O meu primeiro contacto próximo com o Sr. D. Anacleto Oliveira, já Bispo de Viana do Castelo, foi no início de uma noite de 2013, uns vinte minutos antes de um encontro de preparação para o Crisma de um considerável grupo de jovens do Arciprestado. Reparei que um sacerdote conversava informal e alegremente com quem por ali estava. Seria aquele o Bispo?”

Procurei o anel, já que não tinha outro sinal visível que não o cabeção. Lá estava o anel! Então era aquele senhor bom disposto e afável, o Pastor! Mais me impressionou a forma como interagiu com os crismandos, colocando questões, respeitando as respostas e registando-as no seu inseparável livrinho preto, soltando uma risada de vez em quando, esclarecendo-os e motivando-os.”

Ricardo Sousa, diretor do Colégio do Minho

“D. Anacleto sempre demonstrou um carinho especial pelo Colégio, pelos seus alunos, professores e colaboradores. Tinha um jeito único para as crianças, ponha-os à vontade e, nas nossas celebrações, conseguia captar a atenção de todos. Marcou sempre presença no dia do Colégio e nunca negava um convite, desde que a agenda o permitisse.

Era um Bispo disponível, amigo, afável e fiel. Nunca o encontrei maldisposto, via-o sempre com um sorriso nos lábios, um homem inteligente, muito humilde e amante das coisas simples... tanto dava uma palestra em ambiente académico, como conversava com o mais simples ser humano que lhe aparecesse.”

Francisco Fernandes, jovem diocesano de S. Cosme e S. Damião

“Hoje, a comunidade chora pela sua partida porque o Sr. Bispo entrou, efectivamente, nos nossos corações. E porquê? Porque conheceu os nossos rostos, apontou no seu ‘facebook’ o meu nome e o de tantos e tantas, conheceu o nosso património, os caminhos das nossas vilas e aldeias, escutou com atenção as histórias e estórias, bem como as tradições e fé deste povo cristão. Em cada visita pastoral veio como Pastor próximo, humilde e alegre conhecer cada um de nós.”

Ricardo Oliveira, secretário da Paróquia de Monserrate

“Deixou-se encantar pelas “riquezas” da nossa Diocese, semeou afetos, conquistou o povo de Deus, deu esperança a uma Igreja peregrina que vai ao encontro de todos. Ao fim de 10 anos, e como anteriormente referi, cruzados vários momentos e histórias da minha vida, deixou no seio da minha família um laço grande de amizade.

Quando conduzia dizia-me a minha filha mais nova: “Pai! Perdi um amiguinho e estou muito triste, mas sei que na tristeza podemos encontrar a alegria, ele (D. Anacleto) agora está feliz está com Jesus e no meu coração”. Uma pequena catequese escatológica de uma criança que me encheu o coração de esperança. Obrigado Senhor Dom Anacleto Oliveira pelo testemunho de vida que nos deu.”

Flávio Gonçalves, seminarista do 5º ano de Teologia

“De facto, salientam-se aqui se-

melhanças entre o bispo e São Paulo, que revelou mais que uma vez ser o “homem da sua vida”. Vemos que são ambos homens muito práticos, ou seja, não procuram ficar pela teoria, pelas ideias, mas que não têm problemas em ir até ao “fim do mundo” para anunciar a Sua mensagem. É visível que é um duro golpe para todos os diocesanos perder um bispo desta maneira, principalmente por se tratar alguém tão próximo de todos. É um exemplo para todos, quer como pessoa, quer como pastor do rebanho do Senhor. Sem dúvida que deixará saudade no coração de todas as suas ovelhas.”

Pe. Renato Oliveira, presbítero de Viana do Castelo a estudar em Roma

“Falar de D. Anacleto é, na verdade, falar de alguém que marcou profundamente a sociedade e a Igreja, muito para além das fronteiras das Dioceses que serviu. É missão vã sintetizar a vida de um verdadeiro homem do céu e da terra, do divino e do humano, em poucas palavras.

D. Anacleto foi presença amiga, solícita e acolhedora em cada momento da minha vida, ajudando-me a crescer e a superar barreiras. Foi, de verdade, um Pai! E continuará a sê-lo, na Liturgia Celeste, de onde me (nos) acompanha e aponta o caminho. Saiba a Igreja de Viana deixar-se inspirar pelo seu modo de ser Pastor.”

Carlos Miguelote, membro do MCC

“Tive o privilégio de privar com ele em vários momentos da minha vida de cristão e de um modo especial como Cursilhista. Aí testemunhei o seu espírito de serviço a esta diocese e do seu grande amor pelos cursilhos de

cristandade, os quais sempre considerou como uma das formas fascinantes de evangelização.

Este homem, deixou marcas profundas na minha vida com a sua forma de ser e estar. Jamais esquecerei os momentos e conversas que privei com ele, de modo especial na entrada para muitos cursilhos em que nos dava ânimo e coragem para esta tarefa de evangelização.”

Catarina Soares, diocesana da Paróquia de Serreleis

“Quando a notícia sobre o seu falecimento foi tornada pública, o facebook foi inundado com fotografias desta Páscoa. Não foi só a Páscoa de 2018 que ficou marcada, foi D. Anacleto também. D. Anacleto tinha o dom da palavra. D. Anacleto entrou nas nossas casas e deixou a sua pegada. D. Anacleto será para sempre recordado com muito carinho, porque uma pessoa que gera o bem só poderá levar o bem.”

Aires Palma, membro do movimento Convívios Fraternal e paroquiano de Nogueira

“É uma perda irreparável e inesperada, mas Deus chama quando quer e quem quer. Partiu para o Pai o Bispo que cheirava bem a Cristo! Sim, era uma expressão que usava muito quando se dirigia aos jovens. D. Anacleto estava sempre a sorrir e a provocar o sorriso em quem o rodeava conseguindo comunicar através do seu sorriso.

Que este testemunho de Cristo perfumado e sorridente perdure nas nossas memórias e seja isentivo para continuarmos a sorrir porque cheira-



mos bem a Cristo, estamos perfumados com Cristo.”

Cidália Viana de Matos, Oficinas de Oração e vida, e paroquiana de Monserrate

“As memórias destes 10 anos misturaram-se e envolvem-se como tinta numa paleta. Aparecem vários tons de azul e laranja, amarelo, vermelho, como num glorioso pôr-do-sol.

O conhecimento com D. Anacleto aconteceu paulatinamente, mas de modo muito natural. A afabilidade dele fazia cada um sentir-se único. O tom com que proferia as suas homilias, baixo, suave e em linguagem simples, obrigava a uma atenção redobrada. Partilhava grande sabedoria sem vestígios de altivez ou vaidade. Gostava de conviver com as pessoas, ouvi-las e conversar.”

Por Celeste Patrocínio, presidente do Conselho de Administração da Adega de Ponte de Lima

“Ficamos com uma imensa dívida de gratidão ao Senhor D. Anacleto, pelo interesse verdadeiro, apoio inestimável, discreto e afetuoso com que sempre acompanhou a vida da Adega de Ponte de Lima.”

Pe. João Martinho, Pe. Luís Martins, últimos padres ordenados por D. Anacleto Oliveira

“Existem momentos na nossa vida que nos marcam profundamente. Conhecer, contactar e conviver com o nosso Bispo, D. Anacleto, podemos dizer que foram momentos marcantes

nas nossas vidas, momentos que jamais esqueceremos. Sempre nos surpreendia o seu modo de ser: simples, amigo disponível, mas, sobretudo, o seu modo de estar com as pessoas e no meio das pessoas. Por isso dizia numa entrevista que só se sentia Bispo no meio das pessoas. De facto, era um Pastor que “gostava de cheirar às ovelhas” como tantas vezes pede o Papa Francisco.”

Manuel A. A. Vitorino, Chefe Regional do CNE de Viana do Castelo

“Nestes 10 anos que tivemos o privilégio de o ter entre nós, testemunhamos as suas qualidades humanas e pastorais, que ficam para sempre, marcadas no nosso coração. Na sua vida cumpriu-se verdadeiramente o lema que adotou - “Escravo de todos” - que reflete o seu agir e o ser, na simplicidade dos grandes homens. (...) pedimos a Deus que o acolha no Eterno Acampamento, como acreditamos que já aconteceu, intercedendo por todos nós.”

Marta Pontes, grupo de casais orientado por D. Anacleto Oliveira

“Todos nós, em algum momento da nossa vida, nos questionamos e somos tentados a acreditar que é impossível existir um Deus perante toda a miséria do Mundo. Nos últimos oito anos, em todos esses momentos, foi com o D. Anacleto que falei e ele, perante as maiores atrocidades, sempre conseguiu apaziguar o meu coração e revolta.

O D. Anacleto era é uma daquelas pessoas ímpares, com uma luz e serenidade capazes de iluminar uma praça inteira. O mundo inteiro. Ele, provavel-

mente uma das pessoas mais cultas que conheci, sempre rejubilou com tudo o que dizia aprender connosco. Sempre senti a felicidade das nossas vitórias e esteve sempre lá para nós.”

Augusto Canário

“Nos nossos trabalhos profissionais na instituição APPACDM, de Viana do Castelo, quer nas representações do Presépio Vivo, que assistia na primeira fila, quer na recepção ao nosso ‘Grupo de Janeiras’, quer nas cerimónias da Páscoa (celebração da Visita Pascal na Instituição), teve sempre uma postura gentil, afetuosa e amiga para todos os utentes e trabalhadores e para connosco.”

António Cunha, funcionário da Diocese de Viana do Castelo

“Para o nosso Bispo o outro era alguém com uma história de vida, cada uma diferente da outra, ele interessava-se por cada um tal como ele era, dirigia uma palavra adequada a cada pessoa em concreto; ao mesmo tempo servia a todos, a toda a Igreja diocesana de Viana do Castelo: ele cativava com a sua maneira de ser simples todos e cada um de nós, mas também pela sua profundidade; quantas vezes fiquei encantado com o que ouvi nas suas homilias, nos momentos de formação a que tive o prazer de assistir... Simples e profundo, mas também afável, bem-disposto, muitas vezes ria connosco, um grande homem e um grande Pastor!

Professor Carvalhido da Ponte

Em todos estes momentos, admirei-

-lhe o suave e calmo tom do discurso, a forma tão pedagógica como nos explicava os textos bíblicos, tão própria de quem bem conhece e ama as águas em que navega. Não raro, vi-o propor-nos didáticas. Não raro, todo ele se rasgava em apurados espantos perante o nosso folclore, a nossa cultura, a nossa religiosidade popular.”

Por Pe. Paulo Emanuel, pároco da Serra d’Arga

“A amizade do Povo de Arga com o seu Bispo foi-se construindo aos poucos. O Bispo vindo dos lados da Serra de Aire vinha frequentemente mergulhar na paz e no silêncio serranos. No ar puro das alturas encontrava energias novas e na conversa com quem se cruzava aprendia a sabedoria antiga dos minhotos. Conhecia os carreiros e os rebanhos e gostava de apresentar este lugar místicos às suas visitas e amigos.”

Diogo Fernandes, jovem diocesano

“Confiou em mim para ser colaborador do Notícias de Viana e membro da Pastoral Juvenil. Não me arrependo de ter aceite o convite mas tenho a consciência que poderia ter dado mais de mim a estes projetos de tal forma a seguir os seus passos de ser #Escravodetodos.

Ficou muita coisa guardada no tal caderninho mas tenho fé que o seu sucessor continue o bom trabalho pastoral que o D. Anacleto havia projetado. Sr. Bispo, vai deixar saudades. Certamente terá encontrado o seu lugar no reino dos céus, mas é com uma dor imensa no coração que o vemos partir.”¶



Monsenhor Sebastião Pires Ferreira assume funções de administrador na Diocese de Viana do Castelo

Monsenhor Sebastião Pires Ferreira, até agora vigário-geral da Diocese de Viana do Castelo, assume funções de administrador diocesano, após a morte de D. Anacleto Oliveira.

A decisão foi tomada pelo Colégio de Consultores da diocese do Alto Minho, “em conformidade com as normas do Código de Direito Canónico”, tendo em vista o governo interino desta Igreja local, até à nomeação de um novo bispo por parte do Papa.

Monsenhor Sebastião Pires Ferreira, de 76 anos de idade, comunicou ao núncio apostólico (representante

diplomático do Papa) em Portugal, D. Ivo Scapolo, a “aceitação das funções para as quais foi eleito”.

Na mensagem enviada aos diocesanos na noite de sexta-feira, o *Colégio de Consultores* começa por manifestar gratidão pelo percurso do seu falecido bispo. “A nossa palavra, nesta hora, é, antes de mais, de ação de graças ao Senhor pelo dom que o nosso querido

D. Anacleto Oliveira foi, e continuará a ser, para a nossa Igreja Diocesana. Recordamos, com memória agradecida, a recente comemoração dos 50 anos de ordenação sacerdotal e os 10 anos da sua entrada na Diocese de Viana do Castelo, assim como a sua importância e impulso na canonização de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, pode ler-se na nota, onde o mesmo

agradece todas as manifestações de solidariedade dirigidas à Diocese de Viana do Castelo, apelando novamente à oração dos fiéis por D. Anacleto e por Mons. Sebastião Pires Ferreira.

O recém eleito administrador diocesano, ordenado padre em 1967, foi nomeado vigário-geral da Diocese de Viana do Castelo em março de 1985.¶

«Não haverá edição no dia 01 de outubro de 2020»